

Em um ano, batalhão já atuou em 106 ações

Baep participa de operações especiais

DA REDAÇÃO

Na última quarta-feira, o 2º Batalhão de Ações Especiais da Polícia (Baep), grupamento regional que começou a atuar há um ano, deu uma demonstração geral do que é a sua atividade cotidiana.

Naquela madrugada, os policiais militares prenderam os dois adolescentes que haviam matado um jovem de 16 anos na Praia Grande, poucas horas depois do crime. Ao raiar do dia, outros homens do batalhão já estavam em operação na Favela do México 70, em São Vicente, em busca de traficantes. Mas essa ação teve que ser interrompida para que o efetivo do Baep fosse enviado para Cubatão para liberar a Rodovia Cônego Dômenico Rangoni, que foi interditada por manifestantes que chegaram a

atear fogo em seis ônibus.

"Esse dia foi um exemplo de um apanhado de vários tipos de ações em que o Baep atua", diz o coronel Ricardo Ferreira de Jesus, do Comando de Policiamento do Interior 6 (CPI-6), a quem o 2º Baep está ligado. Ele afirma que, passado um ano da publicação no Diário Oficial da lei que criava o grupo (no dia 18 de julho), percebe a aprovação da população para o trabalho do novo batalhão.

A redução da criminalidade na região, apontada pelas estatísticas da Secretaria de Estado da Segurança Pública, seria um reflexo da implantação do Baep. "Um homem de operações especiais enfrenta operações complexas, mas com ações simples, que são uma só: ir e resolver o problema. É des-



Solenidade realizada no Sesc-Santos marcou o primeiro aniversário do batalhão especial da PM. Atualmente, 310 homens fazem parte

sa maneira que levamos a unidade durante um ano para ter esses resultados satisfatórios", pontua o tenente-coronel Olímpio Ferreira Magalhães, comandante do Baep.

O grupo tem a função de atuar em situações de alto risco. Ao contrário dos demais batalhões, que fazem policiamento preventivo e atendem as demandas do serviço do 190, os homens do Baep agem apenas em operações especiais. Desde que foi criado, foram

realizadas 106 operações. "A decisão do local em que vão ocorrer as ações é baseada em critérios técnicos, análise dos indicadores criminais e do recebimento de denúncias", explica Jesus.

FORMAÇÃO

Para fazer parte do batalhão, os 310 integrantes passaram por um treinamento especial, aprendendo como entrar e se deslocar em locais de alto risco, como utilizar armamento pesado, técnicas mais sofisticadas de defesa pessoal e negociação de crise, entre outros conteúdos. Alguns dos membros do Baep também passaram por capacitação com material explosivo, em Lorena.

De acordo com o coronel, a seleção para fazer parte do batalhão é rigorosa e leva em conta fatores físicos e psicológicos dos militares. "Eles sabem apenas o horário que vão se apresentar e nunca quando o trabalho vai terminar. Só descobrem qual a missão no caminho da ação. Isso exige preparo físico".

O comandante do CPI-6 explica que a missão destes homens é aplicar a lei e que a



Baep atuou nos conflitos ocorridos em Cubatão, na quarta-feira

criminalidade tem que estar ciente disso. "São homens treinados para se defender e para sobreviver". Para isso, cada equipe sai em uma viatura com quatro ou cinco homens, munidos de escudos, capacete, casse-

tete, armas químicas, fuzil, metralhadora, carabina e pistola .40. Na contabilidade dos confrontos da ação do Baep, 23 civis acabaram mortos e um policial ficou gravemente ferido.

Performance

BALANÇO DE UM ANO DO 2º BAEP



ARTE Alex Ponciano/AT

Nova sede fica pronta em quatro meses

Desde sua criação, a casa provisória do 2º Baep fica na Avenida Joaquim Montenegro, na Ponta da Praia, no prédio do Comando de Policiamento do Interior 6 (CPI-6). Mas, em quatro meses, o grupamento pode ganhar sede própria.

O local é um edifício na Avenida Ana Costa que, a princípio, abrigaria o CPI-6, e que ficou abandonado por anos. Para que seja ocupado, o comandante da Polícia Militar na região busca ajuda da sociedade para as reformas necessárias.

A Prodesan e a Associação Comercial já sinalizaram interesse em colaborar com a obra

e o comandante do CPI-6, coronel Ricardo Ferreira de Jesus, ainda conversa com outras entidades que possam ajudar de alguma forma na parte estrutural da construção.

"Se fôssemos fazer todo o processo com o dinheiro público, estaríamos engessados, e a mudança da sede do Baep demoraria um prazo muito maior".

"Talvez esse não fosse o melhor prédio, pois não concentramos todas as companhias do Baep ali. Precisaríamos de mais espaço. Mas, instalados no local, vamos reforçar a segurança dali".

No final de maio, A Tribuna esteve no prédio, cuja obra

estava paralisada desde 2010. Documentos largados, tetos danificados e ar-condicionados parados foram vistos pela reportagem abandonados na parte interna do edifício, que era revestido de material luxuoso, como mármore e porcelanato.

A entrada era livre, pois a porta de atrás permanecia aberta depois que foi arrombada. Isso facilitou o furto da fachada da edificação. A falta de conservação também era vista na parte externa, que tinha mato alto.

Na última semana, uma equipe da Polícia Militar começou a fazer a limpeza do prédio.



Ricardo Ferreira de Jesus conta com a comunidade para finalizar prédio

Futuro

Até o final deste mês, começa uma nova etapa do Baep. Um grupo do Corpo de Fuzileiros Navais, do Rio de Janeiro, virá a Santos para capacitar integrantes do Batalhão. Com isso, o Baep aprenderá técnicas para atuar no mar, em áreas de mangues e braços de rios. "Com esse treinamento, podemos pleitear que sejam incorporados novos equipamentos e tecnologias, como embarcações e veículos blindados", analisa o comandante do CPI-6. A intenção de Jesus é que com o alto nível de capacitação e uma geografia ampla da Baixada Santista e Vale do Ribeira, o grupamento do litoral possa virar um polo de especialização para os demais efetivos de São Paulo e de outros estados.